

Artigo Sobre o Filme “Lutero”

Por Presb. José Roberto Costanza

No momento em que nos aproximamos do mês da Reforma, é natural que evoquemos o nome de Martinho Lutero, que, em 31 de outubro de 1517, deu início a uma nova era na História da Igreja. Como nós brasileiros, de um modo geral, não temos o costume de cultuar nossos vultos históricos, Deus, através de Sua graça comum, coloca a nossa disposição, através da tecnologia eletrônica, a gravação em DVD do mais recente filme sobre o reformador alemão.

Produzido com financiamento da organização luterana americana Thrivent e com o apoio da Igreja Evangélica da Alemanha (EKD), o filme foi rodado em 100 locações de três países (Alemanha, Itália e República Tcheca). Com a ajuda de figurinos, acessórios, ruas medievais e direção de arte de alta qualidade, os roteiristas Camille Thomasson e Bart Gavigan fazem um ótimo trabalho de retratar a situação política e social dos Estados alemães.

O renomado diretor canadense Eric Till colocou um elenco de primeira grandeza a contar a história do monge alemão que se rebelou contra o abuso de poder na Igreja Católica há 500 anos. Lutero é representado pelo ator britânico Joseph Fiennes (Shakespeare Apaixonado); o grande ator suíço Bruno Ganz faz o papel de Staupitz, superior dos agostinianos, sir Peter Ustinov interpreta Frederico, o Sábio, príncipe eleitor da Saxônia e protetor de Lutero, e, ainda, o renomado e versátil ator inglês Alfred Molina (Homem Aranha 2), representa o dominicano João Tetzel, que se notabilizou como vendedor de indulgências.

Com base na biografia sobre Lutero escrita por Richard Friedental, a história tem início em 1505, quando um jovem estudante de Direito, Lutero, de um momento para o outro, toma a decisão de entrar para um convento, fruto de uma promessa feita à santa de sua devoção, caso ele permanecesse a salvo dos raios de uma violenta tempestade. O pai de Lutero fica naturalmente irritado e destrata o filho, pois havia investido em seus estudos, com vistas a que ele, como advogado, viesse a ocupar um importante cargo público na administração do país. Em face da rejeição do pai, Lutero se volta para um mentor espiritual, João von Staupitz, superior do mosteiro. Apesar dos momentos de angústia espiritual, que levavam Lutero a confessar-se a todo instante, isto não obsteu sua ordenação ao sacerdócio católico romano. Sua noção de pecado era tão acendrada que, ao officiar a primeira missa, ele se vê torturado por temor e dúvida.

Apesar das dificuldades espirituais, próprias de um noviço e bem compreendidas por Staupitz, Lutero se mostrou um ótimo discípulo, sendo selecionado para viajar

a Roma a serviço de sua ordem monástica. Ele entra na “cidade santa” com a expectativa de um jovem idealista, mas fica decepcionado com a depravação generalizada, inclusive do clero.

Ainda na sede da cúria papal, Lutero tem o primeiro contato com a prática das indulgências, que permitiam ao povo, por meio de quantia estipulada, a compra da sua própria salvação ou a liberação de parentes mortos dos eternos flagelos infernais. Desiludido com essa exploração enganosa, ele pergunta: “Porventura a salvação não é acessível a todos”□

Lutero é enviado para estudar na Universidade de Wittenberg, onde mais tarde se torna um professor de teologia. Aí ele começa a entender a verdadeira natureza de Deus e encontra paz espiritual. Esse entendimento e encontro, contudo, colidem com a doutrina e prática da fé que abraçara com tanta integridade de caráter. Os novos conceitos por ele corajosamente emitidos, considerados radicais pelo estamento dominante, começam a provocar fortes reações na cúria católica romana, mas, por outro lado, lhe angariam o apoio do príncipe Frederico, o Sábio, que admira a audácia e o nacionalismo de Lutero.

Em Roma, o novo papa, Leão X (Uwe Ochsenknecht), decide financiar a construção da nova basílica de São Pedro, por intermédio da venda de indulgências, que, na Alemanha, fica a cargo do monge dominicano John Tetzel.

Tetzel prega aos cidadãos simples do povo sobre o fogo do inferno que estaria esperando por suas almas, caso eles não adquirissem essa “indulgência especial”. Lutero fica indignado com tão absurda manipulação e, em função disto, escreve 95 teses, um ensaio que ele apõe na porta da igreja local. Suas idéias são reproduzidas, por meio da recém inventada imprensa, e são rapidamente disseminadas por toda a Europa.

O Papa reage duramente. Lutero é instado a retratar-se de seus escritos “heréticos” sob pena de excomunhão e julgamento pela inquisição, o que, na prática, significa sua morte. Através do concurso de seu emissário, o cardeal Girolamo Aleander (Jonathan Firth), Leão X convoca Lutero a ir a Roma para abjurar seus pontos de vista, mas ele permanece firme.

Em face da atitude papal, Frederico o Sábio, convence seu sobrinho, o imperador do Sacro Império Romano Germânico, Carlos V, a fazer ouvir Lutero na Alemanha. É então convocado um Congresso Imperial ou Dieta, na cidade de Worms, em 1521, onde Lutero é instado a se retratar de suas palavras. Mas ele se recusa, gerando um grande alvoroço na reunião. As autoridades determinam que os escritos de Lutero sejam queimados.

O cenário da confrontação está armado, mas Lutero permanece desafiador e suas palavras se espalham como um fogo açulado pelo vento. A vida de Lutero corre perigo e, para preservá-lo, Frederico o Sábio o “seqüestra” e o guarda seguro no Castelo de Wartburg, onde o jovem reformador dá início à tradução do Novo Testamento para o Alemão. A permanência em Wartburg não foi longa (cerca de um ano) por que em praticamente toda a Alemanha se instalou um clima de grave desobediência civil, o que força Lutero a retornar a Wittenberg, a partir de onde a

Reforma é disseminada para a maior parte da Alemanha e regiões vizinhas da Europa.

A nova igreja carece muito da liderança de Lutero, que devota suas energias a ensinar o que considera ser a verdadeira doutrina Cristã. Dentre os novos conceitos eclesiais está a desobrigação por parte dos clérigos de observar o voto de celibato. Livre de tal injunção, não instituída pela Escritura, Lutero se casa com a ex-freira Catarina von Bora (Claire Cox).

Finalmente, Carlos V, em 1530, resolve convocar uma nova Dieta, que se reuniu em Augsburgo, onde passa a examinar o problema dos dissidentes alemães liderados por Lutero, que, por precaução, fica fora da cidade. Apesar da determinação do Imperador para que os adeptos da Reforma retornassem à Santa Madre Igreja, o apoio de vários príncipes alemães possibilitou que os protestantes continuassem a praticar o cristianismo do modo que julgavam correto. À vista do script, que, entre 1505 e 1530, sucintamente descreve os principais eventos e participação dos personagens do filme, em especial Lutero, o espectador, envolvido indiretamente na história por herança religiosa, pode assumir algumas posturas peculiares.

A primeira seria considerar o filme como um épico relativo a um herói do passado, no molde de tantos que já foram encenados, como, por exemplo, a recente versão de Joana D'Arc, heroína e santa francesa. Lutero fez o seu papel, corrigiu o que devia ser corrigido na antiga Igreja Católica Romana e ponto final. Além do que, nós evangélicos não deveríamos estar mexendo em feridas já cicatrizadas, pois a Igreja Católica até nos considera cristãos como eles o são. Digo isto porque esta é a posição crítica de uma monja católica relativamente ao filme e cuja opinião foi divulgada na Internet.

O segundo grupo seria diametralmente oposto ao primeiro. Lutero, o filme, nos faz lembrar que não devemos confiar nos "hereges" católicos, adoradores de imagens e inimigos figadais dos evangélicos. Tudo o que cheira a catolicismo deve ser extirpado de nosso meio. Esse, normalmente, é o pensamento da grande mídia evangélica, em especial as rádios sintonizadas por muitos presbiterianos.

Mas eu gostaria de me firmar em um terceiro grupo, constituído de pessoas que buscam tirar do filme ensinamentos não só para as suas vidas individualmente, mas também, e especialmente, para a vida das igrejas a que pertencem. Entre os muitos aspectos que poderiam ser enfocados, creio que merece destaque o relacionamento entre Lutero e seu pai a partir da decisão de entrar para um mosteiro.

A ética racionalista e humanista pós-moderna certamente nos conduz, assim como levou o diretor Eric Till, a retratar o pai de Lutero como uma pessoa intolerante, castradora e ambiciosa, ávida de explorar as qualidades intelectuais de seu filho em proveito próprio. Os carismáticos, por sua vez, teriam a mesma opinião, acrescentando que João Lutero, pai de Martinho, não atentou para o fato que o jovem havia sido convocado ao sagrado ministério pelo próprio Deus, através da natureza (raios, trovões e vento). Será que essa posição crítica generalizada contra o pai de Lutero estaria correta? Deixemos que o próprio Lutero nos dê a resposta.

Após o pavor da morte experimentado na floresta, não há registro de que Lutero tenha procurado o pai, que o sustentava a duras penas na universidade, para com ele ter uma conversa franca e sincera sobre seu futuro. Pelo contrário, ele mesmo diz que, quinze dias após a tempestade, reuniu-se em uma festa íntima com os amigos e, no melhor da festa, declarou-lhes que entraria no convento na manhã seguinte. Os amigos não o conseguiram demover de seu propósito.

No dia da ordenação de Lutero, não obstante muito contrariado com o passo arbitrário do filho de quem esperava que um dia fosse um jurista de renome, João Lutero não só compareceu à cerimônia como lhe ofertou a significativa quantia de vinte florins. Lutero então lhe perguntou: “Querido pai, porque vos opusestes tão severamente e com tamanha indignação ao meu desejo de entrar no mosteiro, e talvez ainda neste momento continuais a não olhá-lo com muito bons olhos?”. O velho pai respondeu-lhe com toda a franqueza: “Vós doutos, não lestes nas Escrituras que devemos honrar pai e mãe □ Contrário a este mandamento, me abandonaste a mim e tua querida mãe na velhice, quando já poderíamos esperar algum conforto e ajuda de tua parte depois de não termos poupado despesas com os teus estudos” Lutero passa então a alegar que uma visão celeste o havia levado a tomar tal decisão, ao que o pai respondeu laconicamente: “Queira Deus que não tenha sido aparição do diabo!”

Anos mais tarde, já maduro espiritualmente, e teólogo consagrado, Lutero analisa sua decisão de entrar para a vida monástica e escreve ao pai: “o meu voto não valeu um abrunho (ameixa), porquanto subtraí-me por ele ao poder e à vontade dos pais que me foram ordenados por Deus, e tudo não passava de um ato antidivino”.

Em face da própria conclusão de Lutero, de que ele efetivamente pecou, desobedecendo ao quinto mandamento (Ex 20.12), fica a pergunta: É válido se considerar os fenômenos da natureza (tempestades, secas, etc) como sinais divinos ou revelações para tomarmos esta ou aquela decisão □ A resposta é simples: não! Deus não nos autoriza isso, e a Confissão de Fé de nossa igreja é bem clara ao esclarecer que cessaram aqueles antigos modos de revelar Deus sua vontade ao seu povo, sendo a Escritura indispensável. (CFW, I, i)

Como fecho nesta análise do filme Lutero, podemos concluir que seu grande mérito é valorizar, sobretudo, o aspecto religioso, sem fugir do componente social que permeava todo o contexto da época, gerado, principalmente, pelo jugo da Igreja Romana sobre o povo, e isso foi valorizado pela ênfase que se deu à Revolta dos Camponeses, que tinha um forte componente anticlerical e iconoclasta, liderada, entre outros, por Karlstadt, enquanto Lutero permanecia recluso em Wartburg.

Não se trata de um simples documentário, é bom que se diga, mas de um filme; e, como é sabido, todo filme tem seu lado de romance, com uma interação permanente entre o que é projetado na tela e o espectador. Há momentos preciosos, retratando a venda de indulgências por parte de João Tetzel, assim como o desenvolvimento da Dieta de Worms, quando Lutero foi trazido à presença do jovem Imperador Carlos V, para se retratar do que havia escrito sobre as inconsistências teológicas, irregularidades eclesiásticas e corrupção generalizada no clero. A parte romanceada fica por conta do relacionamento do reformador com

Catarina von Bora, sua esposa, e também sobre o desenvolvimento da Dieta de Augsburg, onde os príncipes oferecem a cabeça ao Imperador antes da leitura da Confissão redigida por Melanchthon, que, sendo o principal ajudante de Lutero, aparece muito pouco no filme, fato explicável pelo desdobramento do Luteranismo posterior.

O filme é excelente e deve ser visto por todos os evangélicos, e até por católicos romanos, para que possam compreender as verdadeiras razões da Reforma. Com os DVDs e fitas disponíveis nas locadoras, cabe a nós, liderança da igreja, incentivar o povo presbiteriano a assistir essa fabulosa obra que retrata o início da Reforma, da qual somos herdeiros.

Presb. José Roberto Costanza

Professor de História Eclesiástica do Seminário Simonton
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
jrcostanza@hotmail.com



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958